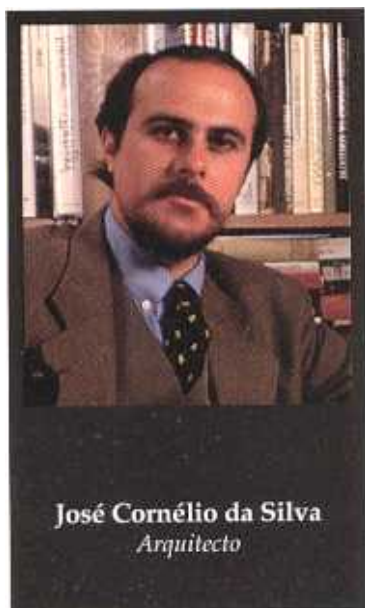


# Reabilitação e Restauro Urbano: Um Livro de Urbanismo num Alfarrabista de Londres



N uma recente viagem a Londres, procurando nos alfarrabistas bibliografia esgotada, vim a conseguir uma obra muito interessante com o título "Urban development in Southern Europe: Spain and Portugal", da autoria de E.A. Gutkind, tratando-se do III volume da colecção "International History of City Development, uma edição da Free Press de N.Y., datando de 1967. Das 534 páginas que compõem a obra, cerca de 113 são dedicadas só a Portugal, incluindo fotografias a preto e branco, vários mapas e gravuras. Embora já tivesse conhecimento do livro por referência bibliográfica, só nesta ocasião pude efectivamente folhear e posteriormente adquirir a obra. O que me agradou particularmente foram as imagens que se reportam a uma unidade urbana e patrimonial infelizmente perdida. O estudo aborda o urbanismo sob a perspectiva geográfica, climatérica, demográfica e histórica. Assentando a análise numa continuidade histórica de que resultariam as várias implantações urbanas e a arquitectura, deste modo caracterizando o contexto peninsular, todavia separando-o com grande evidência.

As imagens são inconfundíveis, caracterizando bem *de per se* a personalidade urbana das vilas e cidades representadas.

A razão é bem patente à leitura, e

desde logo podemos sublinhar:

1. Preservação dos perfis e eixos naturais, bem como das tipologias, resultando na consolidação da unidade urbana.
2. Unidade e continuidade de materiais e texturas que possuem envelhecimento sem caducidade.
3. Ausência das actuais grandes pressões especulativas e tecnológicas: construção inadequada e "experimental", tráfego, publicidade, sinalética, antenas, cabos elétricos, armaduras de iluminação, caixas do ar-condicionado, etc.

Na verdade, folheando as páginas do livro, as imagens, de grande interesse para o restauro urbano, conseguem caracterizar bastante bem o nosso universo edificado. Destacam-se as superfícies nítidamente caiadas, contrastadas com as texturas das calçadas e dos telhados de telha de canudo. A arquitectura revela-se tanto nas suas formas mais eruditas, como numa grande nobreza da arquitectura anónima e/ou popular. Apercebemos a riqueza dos pormenores da arquitectura, patentes desde os rebocos e suas texturas, à caixilharia variada, às ferragens das varandas, às gelosias, beirados, etc.

Retirando deste facto o que nele importa de relevante para o nosso

comentário, resulta afinal o enorme contraste existente entre as morfologias urbanas aí descritas e a realidade de hoje. Ocorrendo de imediato a pergunta: Porque razão a reabilitação urbana e sobretudo o restauro urbano não consegue atingir os padrões desejados e com os quais nos identificamos?

A evolução urbanística nos últimos 30 anos dispersou as personalidades urbanas, unindo-as num aglomerado, talvez justificando-se pelas razões funcionais, alheando-se em termos culturais das matrizes históricas e tipológicas. As novas intervenções, fizeram da unidade urbana inicial *tabula rasa* e serviram-se da cidade como laboratório descartável. Em resultado destas opções, facilmente manipuláveis pela especulação urbana, atingiram-se níveis de degradação do espaço urbano com evidente perda da suas qualidades mais evidentes, tendo como resultado directo a descaracterização e perda de referencial, de memória urbana. A necessidade de preservação do núcleo, do “centro histórico”, surgiu como alternativa última na impossibilidade de imposição de uma regra urbana e de a fazer cumprir. Como se não fosse ideal o “centro histórico” poder estender-se à matriz mais ampla da cidade. No entanto esta individualização surge hoje como uma real proposta de trabalho e como tal devemos preservá-la e ao colher dela melhores ensinamentos, fazer deles uso progressivo para o resto da cidade.

O abandono a que foram chegando alguns “bairros históricos” das cidades, onde existe de um modo geral, deficientes e envelhecidas infraestruturas, fracas acessibilidades ao tráfego de hoje, falta de estacionamento e grande erosão humana, em resultado de superpopulação, conduziu a uma urgente necessidade de intervenção. Esta pressão releva igualmente da insatisfação das populações aí residentes que, embora cidadãos iguais perante a lei, muitas vezes não dispõem de elementares níveis de habitabilidade, considerando os actuais padrões urbanos.

As intervenções pautam-se de um modo geral por motivações frequentemente bem distantes do objectivo principal, limitando-se a serem “reabilitações” em lugar de *restauros urbanos*. É que a diferença vale tudo, pois não se trata tão basicamente

infraestruturar e contidamente reparar, mas readquirir uma unidade urbana que representa afinal um património e um acto de cultura que caracteriza um povo. Não é o reflexo da globalização na actual vida urbana, que caracteriza melhor uma cultura, à semelhança de um *concheiro* arqueológico obra reflexo do acaso, mas bem mais do que isso representa a obra de vontade e de intenção. Como tal, a atitude de



*restauro urbano* visa, para além da reposição das qualidades padrão de habitabilidade e de uma recolocação da eficiência dos materiais constructivos, assumir como objectivos a reintegração de uma personalidade urbana, que resulta dessa fusão entre o mineral e a vida. Já há muito que chegou o tempo de invertermos essa tendência de “reabilitar”, substituindo-a pelo *restauro urbano*. Aliás esta expressão

“reabilitar”, aplica-se hoje cada vez mais à recuperação dos grandes vazios provocados na malha urbana por indústrias obsoletas ou inadequadas a uma centralidade na cidade, terrenos poluídos, etc.

De um modo geral as intervenções de “reabilitação urbana” a que estamos habituados a testemunhar repetem cronicamente o seguinte:

1. Picagem indiferenciada de rebocos existentes, sem raspagem prévia, com evidente perda de rebocos e informação cromática e frequentemente de pinturas decorativas quando em interiores;
2. Substituição das coberturas com colocação de sistemas de telhas diferentes do tradicional, tanto na forma como no cromatismo, resultando em perversas alterações das formas de cobertura e beirais;
3. Substituição indiscriminada da caixilharia original ou introdução de modelos inadequados;
4. Má aplicação de madeiras, de medíocre qualidade e sem um sério tratamento contra xilófagos (não é a simples demão de produto que protege efectivamente a madeira) que denigrem um material excelente;
5. As normas de implementação das infraestruturas – electricidade, água, esgotos, gás, AVAC, telecomunicações, etc. – representam habitualmente uma violência na arquitectura, pelas destruições que provocam nas estruturas e nos interiores dos edifícios de características tradicionais;
6. Aplicação monótona e repetitiva de cores industriais cujos pigmentos não oferecem suficiente estabilidade cromática, nem apresentam capacidade de progressivo envelhecimento sem caducidade;
7. As obras e reparações efectuadas não têm em conta a arquitectura e arquitecturas existentes, limitando-se a consolidar pré-existências, na grande maioria dos casos, defectíveis introduções que contribuem à dissipação da imagem urbana e ao surgimento de uma leitura caótica do espaço.

Nestes sete pecados mortais se vai consolidando o aforismo de John Ruskin: sendo preferível deixar o



original desaparecer numa ruína digna do que ser restaurado.

Em Lisboa obtemos um amplo quadro desta situação. Quem do Largo das Portas do Sol se debruce sobre Alfama, verá a profanação de uma imagem extraordinária, que a cidade possuía, dos seus telhados e da riqueza de texturas e côres pardas. Recordar-se-á mais certamente do comentário de Eça de Queiroz perante a visão de Paris tomada do Sacré-Coeur: ...parece um monte de entulho!... Com efeito, longe de se conseguir unidade e riqueza de textura, por deficiente aplicação e dispersão de materiais, mais nos lembra efectivamente da mancha cromática dos restos sobrantes das construções. Mas não é só daquele ponto alto, outros locais nos dão a mesma impressão como o miradouro de S. Pedro de Alcântara, da Graça, da Senhora do Monte, etc.

Mas outro aspecto se revela já com bastante evidência, são as zonas de bairros "ocre-amarelo" (que não é ocre, sendo mais um opaco amarelo!) e o "rosa-antigo" (que não é rosa e muito menos antigo!). O defeito na mancha e na luz da cidade, provocado por tintas que são estranhas à actividade que se pretende implementar, ainda mais afasta a unidade urbana que se procurava encontrar.

Se pretendermos olhar agora à escala do edifício, resulta evidente o deficiente conhecimento das técnicas de representação arquitectónica do passado e em particular o cabal desconhecimento na aplicação evidente ou subentendida das ordens clássicas e ainda da cultura do edificar tradicional. Com frequência as picagens de reboco são indiferentes às marcações e pormenores arquitectónicos que posteriormente, quando se reconstruem, se fazem com erros tão evidentes que chegam à inversão dos elementos. As composições das fachadas explícitas nas cimalthas, pilastras, cornijas, coroamentos, embasamentos, demarcações de pisos e texturas, etc. resultam em estranhas discontinuidades que, depois, a indiscriminada pintura ainda mais acentua. É de facto muito frequente a inversão das côres na marcação dos atributos, até à execução de delgadíssimas "pilastras" nos cunhais, erros que clamam falsidades e perdas do original, que importa

recuperar.

No que respeita às caixilharias e portadas, na maior parte dos casos acabam umas no entulho e as outras servindo de "taipal" ou tábua de cofragem, exibindo ferragens e madeiras de rara qualidade, tanto no material como na mão de obra. Do desenho da caixilharia antiga (tão condicionante da arquitectura), perdem-se os originais, sendo substituídos por uma nova uniformização, tal como já sucedeu



há cerca de 100 anos atrás quando se substituíram muitas das janelas de vidros de menor dimensão do século XVIII pelas grandes vidraças. Hoje os caixilhos industriais ou titubeantes idealizações, vão terminando aquilo que a clemência do tempo tinha preservado e permitia reconstruir. Ficamos pois surpreendidos com o malogrado resultado: insuficiente! Acresce a total indiferença ao espaço urbano intersticial, às suas texturas, planos e revestimentos de aspectos morfológicos muito alterados. Até a velha calçada deixou de ser permeável, ensopando os pés dos transeuntes, quando a sua função era de permitir a progressiva infiltração num espaço urbano cheio de

desníveis e zonas baixas.

Ao nível do R/C dos edifícios e do visível urbano do passante, torna-se relevante devolver tanto quanto possível essa unidade urbana procurada em lugar de se contribuir de forma persistente à sua atomização. Cuidar ainda de reduzir e integrar o excesso de acessórios e sinalética que prejudicam a leitura arquitectónica.

A intervenção de "reabilitação" que amplamente vamos conhecendo um pouco por todo o país, salvo casos extraordinários como o centro histórico de Guimarães, de Évora, de Miranda do Douro, e poucos mais, vai-nos demonstrando quanto importa passar de uma "fase burocrática da reabilitação" para uma verdadeira atitude de *restauração urbana*, versão mais sensível e integrada. Porque para além de favorecer de modo evidente uma solução frutuosa para o reencontro dessa unidade patrimonial urbana perdida, reforçaria o mercado tanto pelo lado pedagógico da intervenção, como ainda, o que não é menos, favoreceria a recuperação de tecnologias tradicionais da construção, excluídas pela intromissão inadequada da produção industrial. Na verdade, se quisermos ver na recuperação urbana, ou melhor, no *restauração urbana*, um vector verdadeiramente social, este estará presente tanto na dignidade reencontrada na qualidade do habitar, mas também nas economias de escala que daí resultam em técnicas tradicionais de intervenção. Poderemos assim, indo por esta via, vislumbrar uma viabilidade económica na recuperação de mesteres e produções artesanais complementares à indústria da construção, que são efectivamente fundamentais para a *conservação* e o *restauração*. É absurdo quando o *restauração* de uma zona urbana histórica vira as costas para os mesteres tradicionais que na maior parte das vezes foram os verdadeiros conservadores dessa autenticidade.

Por isto mesmo me deu grande satisfação reencontrar as imagens urbanas perdidas, que reflectem afinal uma unidade urbana entre o mineral e a vida, enquanto personalidades urbanas, nesse livro de Gutkind, sob um céu plúmbeo e chuvoso londrino... apesar das fotografias serem a preto e branco... ■